

# Othon Moacyr Garcia (19-6-1912 – 1-6-2002)<sup>1</sup>

*Evanildo Bechara, da UERJ, ABF e ABL*

Em nosso último artigo, falávamos de professores excelentes de língua portuguesa, e hoje vamos falar de um deles. Othon Moacyr Garcia, mestre emblemático de uma geração que se vai desfalcando ano a ano: Olmar Guterres da Silveira, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, só para falarmos dos que mais estreitamente se ligaram às atividades do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português e deste nosso *O Mundo Português*. Conhecedor admirável do sistema e das potencialidades expressivas do idioma, Othon soube aplicar sua fina sensibilidade a dois campos de estudos: a análise literária e a técnica de redação. No campo da análise literária, integrou a plêiade de jovens estudiosos que soube aplicar e levar avante os alicerces de uma nova crítica literária exposta e praticada pioneiramente por Afrânio Coutinho e Eduardo Portella. Pelos seus dotes excepcionais, este primeiro campo foi aquele pelo qual Othon se mostrou mais produtivo e, por isso mesmo, conhecido e aplaudido entre os especialistas e o público devotado ao fenômeno literário. Aí estão seus ensaios *Esfinge Clara: palavra puxa palavra em Carlos Drummond de Andrade* (1955), *Luz e Fogo no Lirismo de Gonçalves Dias* (1956), *A Janela e a Paisagem na Obra de Augusto Meyer* (1958), *A Página Branca e o Deserto, Luta pela Expressão em João Cabral de Melo Neto* (1958/1959), *Cobra Norato, o Poema e o Mito* (1962, sobre o poema de igual título de Raul Bopp), *Exercícios de Numerologia Poética* (1978), entre outros artigos em revistas e jornais. No segundo campo, desenvolveu sua atividade de magistério – atividade silenciosa – na tarefa de desenvolver nos seus alunos a técnica da redação. Aqui Othon, robustecido por uma prática de sala de aula e dos cursos ministrados a candidatos ao Instituto Rio Branco concretizou essa experiência num livro excepcional que, saído em 1967 pela Fundação Getúlio Vargas, ainda hoje é o mais profundo guia na especialidade: *Comunicação em Prosa Moderna*. Partia de informações sobre os elementos estruturais da oração, de uma atividade que hoje é execrada por modernosos, mas que dela a velha geração de professores

---

<sup>1</sup>Transcrito de *O Mundo Português*. Rio de Janeiro, 13 de junho de 2002, p. 2 (Na Ponta da Língua).

se serviu para conseguir que seus alunos chegassem a escrever com razoável decência de forma e fundo: a análise sintática. Sim, a análise sintática. Mas a análise sintática, antigamente chamada também de análise lógica, ensinada sem os pruridos de erudição e, muito menos, da lógica e má lógica, oferecendo aos educandos a compreensão das relações gramaticais e semânticas que as palavras e funções mantêm entre si para a adequada e conforme manifestação do que quer transmitir aos seus ouvintes e leitores. Começou Othon, nessa convicção, apoiando-se na lição sempre segura de uma autoridade, hoje injusta e lamentavelmente esquecida de seus colegas mais jovens de sala de aula, referimo-nos a Mário Barreto, que, num livro publicado em 1916, assim prevenia a professores e alunos:

É um dos defeitos do nosso ensino gramatical a importância excessiva que se dá nas classes a isso que se chama análise lógica. Certo que é necessário saberem os alunos o que é um sujeito; certo que também é bom que eles saibam distinguir proposições principais e subordinadas, e vejam que estas acessórias ou subordinadas não são mais que o desdobramento de um dos membros de outra proposição e se apresentam como equivalentes de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio; proposições substantivas, adjetivas, adverbiais – nomenclatura que tem a duplicada vantagem de evitar termos novos e de fazer da análise lógica uma continuação natural da análise gramatical. Qualquer outra terminologia que se adote para a classificação das proposições dependentes levanta discussões entre os professores [...]

Passar daí será para nós embrenharmos no intrincado labirinto das sutilezas da análise. A análise lógica pode ser de muito préstimo, se a praticarmos como aprendizado da estilística, como meio de conhecermos a fundo os recursos da linguagem e de nos familiarizarmos com todas as suas variedades. (*Fatos da Língua Portuguesa*, primeira edição, páginas 50 e 51).

Eis aí a grande e larga estrada que percorríamos em nossas classes, partindo da análise sintática para a construção com sentido do parágrafo, e daí para a construção de um texto integral. É o caminho magistralmente percorrido por Othon no livro *Comunicação em Prosa Moderna*, alicerçado na exposição didática dos manuais de língua inglesa e francesa sobre o conhecimento da estrutura gramatical do idioma, na variedade dos recursos expressivos da estilística (ainda não no sentido restrito da estilística de Charles Bally) e na fundamentação da arte de pensar e dizer. Eis o grande patrimônio de herança que nos legou Othon Moacyr Garcia, exemplo de homem e de companheiro de profissão, que dignificou a família e que agora, a primeiro de junho último, às vésperas de completar noventa anos bem vividos, deixa órfãos seus numerosos discípulos e amigos.